

# A impressão causada

## pela morte

### de Guilhermina Suggia

#### que amanhã vai a enterrar

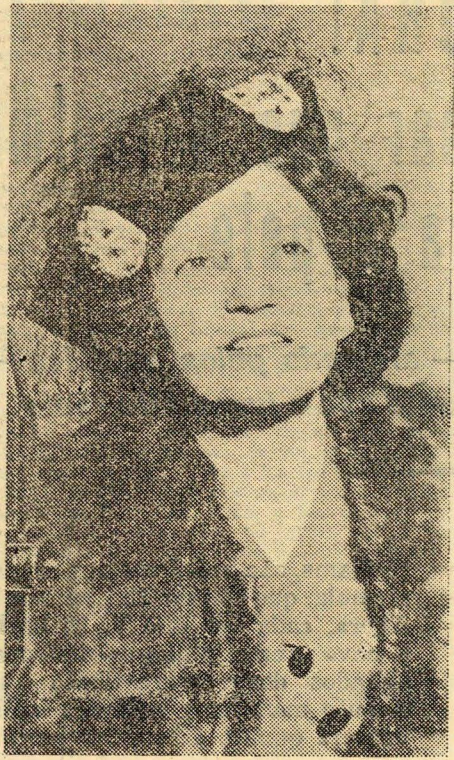
PORTO, 31—(Pelo telefone)—Embora a notícia da sua morte não surpreendesse, constituiu mostras de sentido pesar, pois desapareceu uma alta figura de renome internacional de que o Porto muito se orgulha de ter sido berço. Guilhermina Suggia não era uma figura muito popular, pois o povo não a conhecia, apesar de a cada passo com ele se confundisse por essas ruas. O seu meio ambiente era o da arte, e dos seus cultores ou apreciadores. Há muitos anos que era raríssimo apresentar-se em público, e quando o fazia, isso constituía espectáculo de alto valor, tal como foi a apresentação da sua aluna diletta Maria Alice Ferreira (Riba d'Ave) realizada no Teatro Rivoli, em 4 de Maio de 1947. O que sem exagero se pode classificar de acontecimento citadino. Além da apresentação da jovem violoncelista, o espectáculo teve a colaboração da grande Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a regência de Pedro de Freitas Branco.

O funeral da gloriosa Guilhermina Suggia, efectua-se amanhã, saindo o prestito da sua residência, na Rua da Alegria, 556, para a igreja da Lapa, de onde ao meio dia será rezada missa de corpo presente, efectuando-se depois o funeral para o cemiterio de Agramonte, a cargo da casa Alberto Pereira Filhos.

#### Uma carreira fulgurante

*Quando nasceu, trazia já no sangue todo o belo influxo de arte que havia de nortear-lhe o espirito. Vinha de uma familia de artistas. Guilhermina Suggia era filha de Augusto Suggia, mestre de violoncelo, distinto, que no Porto conquistou um nome respeitavel. Foi aí, nesse ambiente acolhedor e tão propicio ás coisas do espirito, que desabrochou a pequenina Guilhermina. A casa de seu pai era um centro de vida musical que transbordava até ao lar de Gustavo Lehmano onde se reuniam o cantor Salvini, o nosso grande Viana da Mota, Moreira de Sá, o violoncelista Marques Pinto e muitos outros que nem por serem «estrelas» de menor fulgor, deixavam de enobrecer sessões de arte de tamanha representação. Em 1893, tinha ela apenas cinco anos, visto que nascera a 27 de Julho de 1888, já o pai a iniciava nos segredos da musica, para dois anos depois entusiasmar o publico, tocando com tanta graça quanta intenção e intelligência. Mais tarde, os progressos da sua tecnica e o desabrochar do seu estro musical abriram-lhe o verdadeiro caminho do virtuosismo. As estreitas paredes da grande casa lusitana já não chegavam para conter o mundo interior da sua alma de artista. Partiu para Leipzig, com uma bolsa de estudo, concedida por D. Carlos, o rei artista tão inclinado sempre a estimular a arte dos portugueses. Foi Klengel o primeiro grande mestre de Guilhermina Suggia que, em breve, chamava*

(Continua na página central)



GUILHERMINA SUGGIA

# A morte

da grande violoncelista

Guilhermina Suggia

(Continuação da 1.<sup>a</sup> pág.)

a si as atenções da melhor sociedade musical alemã. A Leipzig, aos grandes concertos do Gewandhaus, acoiriam o melhor publico, os melhores criticos e os melhores musicos. Ai nascia o respeito dos grandes pela jovem interprete, desta vez dirigida por Arthur Nikish, pianista, violoncelista e regente de Orquestra do Gewandhaus, da Ópera de Leipzig e da Orquestra Filarmonica de Berlim, nos anos aureos das suas primeiras peregrinações pela Europa.

Também Guilhermina Suggia iniciava então uma carreira triunfal através da Europa, tocando para os publicos mais requintados—para principes e reis, para os artistas mais exigentes. Em Inglaterra, porém, havia de se fixar o estro rutilante desta grande artista. As elites de Londres chamavam-na e acarinhavam-na, desde os tempos da primeira Grande Guerra, quando ela de violoncelo nos braços, acoiria aos festivais, em beneficio das vitimas das trincheiras e dos seus entes queridos. A rainha Alexandra assistia a esses concertos e, com ela, a duquesa de Yorke e as princessas Helena Vitória e Cristina.

A universalidade desta illustre artista que na história da musica contemporanea portuguesa só teve par em mestre Viana da Mota, estava longe de ter atingido o verdadeiro diagrama da sua consagração. Muitos milhares de pessoas haviam ainda de vibrar sob o influxo das notas arrancadas ao seu violoncelo, arrebatá-la apoteoticamente dos camarins, conduzi-la, delirantemente, aos hotéis onde se hospedava, comportando-se, enfim, com ela, como grande e indiscutível artista que era. O seu primeiro concerto em Albert Hall data de 1932 e foi em beneficio dos musicos pobres ingleses. A rainha Mary e o rei Jorge V foram-lhe então apresentados e nunca mais o nome de Guilhermina Suggia se desligou das maiores noites musicais da corte inglesa. Outras vezes ali foi tocar e ainda agora a familia real, num testemunho de admiração, exprimiu o seu interesse pela saúde da illustre artista portuguesa que era, além de artista, uma senhora. A Inglaterra, que a conquistara e consagrara, guardou-a em dois notáveis retratos, um que se admira no museu do palácio de Windsor, outro na Tate Gallery, também de Londres e assinado pelo famoso retratista Augusto Jhon.

Não obstante tantos e tão fundos vinculos, esta senhora de origem italiana ficou sempre portuguesa. E o seu coração ficou com um português, o dr. Carteador Mena, sábio que as investigações com os raios-X haviam de fazer martir, já depois do casamento.

Morreu há cerca de um ano e, pode dizer-se, com a sua morte, Guilhermina Suggia, que não deixa filhos, sofreu a maior dor da sua vida. O seu lar revestia-se das cores solenes das grandes mansões de arte e de estudo e a harmonia era a voz mais alta daquelas duas vidas unidas por amor e em amor vividas.

Guilhermina Suggia, um espirito liberal que em muitos actos da sua vida profissional deixou expressos pontos de vista morais e ideologicos, além de outras condecorações, testemunhos nacionais e estrangeiris de admiração consagratória, possuía a grã-cruz da Ordem de Cristo e a comenda da Ordem Militar de Sant'Iago. O Porto, sua terra natal sempre lembrada, condecorou-a com a Medalha de Ouro da Cidade.